

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

JUAN DE OLIVEIRA MENEZES DA SILVA

OS HOMENS TAMBÉM DANÇAM *BALLET*
Como as concepções heteronormativas interferem no mundo da dança
masculina

NITEROI

2025

Juan de Oliveira Menezes da Silva

**OS HOMENS TAMBÉM DANÇAM *BALLET*; Como as concepções
heteronormativas interferem no mundo da dança masculina**

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Produção Cultural da
Universidade Federal Fluminense, como
requisito parcial para obtenção do Grau
de Bacharel.

Orientadora: Prof.^a Dra. Flávia Lages

Niterói

2025

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

D111h Da Silva, Juan de Oliveira Menezes
Os homens também dançam ballet : Como as concepções
heteronormativas interferem no mundo da dança / Juan de
Oliveira Menezes Da Silva. - 2025.
58 f.

Orientador: Flavia Lages.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade
Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social,
Niterói, 2025.

1. Balé. 2. Dança. 3. Masculinidade. 4. Identidade de
gênero. 5. Produção intelectual. I. Lages, Flavia,
orientador. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de
Arte e Comunicação Social. III. Título.

CDD - XXX



COORDENAÇÃO DE
PRODUÇÃO CULTURAL



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Ao dia **vinte e oito de julho do ano de dois mil e vinte e cinco**, às **dezessete horas**, realizou-se a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado **OS HOMENS TAMBÉM DANÇAM: Como as concepções heteronormativas interferem no mundo da dança masculina**, apresentado por **Juan de Oliveira Menezes da Silva**, matrícula **216033056**, sob orientação do(a) **Dra. Flávia Lages de Castro**. A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

1º Membro (Orientador(a)/Presidente): **Dra. Flávia Lages de Castro**

2º Membro: **Dr. Paulo Melgaço**

3º Membro: **Dra. Liana Vasconcelos**

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):



Aprovado



Reprovado

Com nota final após arguição: 9,0

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:



Documento assinado digitalmente

FLAVIA LAGES DE CASTRO

Data: 28/07/2025 19:48:26-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Flávia Lages de Castro
Presidente da Banca

Juan de Oliveira Menezes da Silva

**OS HOMENS TAMBÉM DANÇAM BALLET; Como as concepções
heteronormativas interferem no mundo da dança masculina**

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Produção Cultural da
Universidade Federal Fluminense, como
requisito parcial para obtenção do Grau de
Bacharel.

Aprovado em 07 / 2025

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Flavia Lages – Orientadora

Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Paulo Melgaço da Silva Junior

Dra. Liana Vasconcelos

Niterói

2025

Dedico este trabalho a geração de homens artistas bailarinos que vieram antes de mim e lutarem pelo reconhecimento da nossa profissão. Dedico também aos jovens de hoje e do futuro que veem na dança uma forma de se libertarem das amarras que a sociedade impõe e encontram na arte um meio de serem felizes.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a minha família pelo apoio incondicional durante a minha caminhada na dança e toda a ajuda necessária e palavras de incentivo para conseguir concluir a graduação, por muitas vezes pensei em desistir por não conseguir conciliar os horários da faculdade com os horários de ensaios e aulas no Theatro Municipal do Rio de Janeiro e não aguentar a jornada São João de Meriti – Niteroi – Centro RJ – São João de Meriti, mas vocês seguraram a minha mão e não me deixaram cair. Ao meu parceiro Rodrigo Marcell, que também me guiou e me aconselhou durante esse processo. Agradeço imensamente a Professora Flavia Lages, que mesmo depois de eu ter procrastinando para concluir a parte final do TF2, me deu a chance de apresentar esse trabalho e assim concluir mais esse estágio na minha carreira profissional e ao Professor Paulo Melgaço, que me instruiu em fazer o recorte desse trabalho e olhar para os meninos que estão dentro dos Projetos Sociais.

RESUMO

Essa monografia consiste em entender o processo de aceitação de homens no mundo da dança e como isso influencia a forma como são vistos pela sociedade, especialmente os praticantes da dança clássica e verificar se os entrevistados já sofreram algum tipo de preconceito relacionado aos padrões heteronormativos impostos pela sociedade, que ditam os padrões diferenciados de comportamento para os homens e mulheres. Para a pesquisa foi utilizado o método qualitativo e os dados foram coletados por meio de questionário aberto disponibilizado de forma online com alunos de idade entre 13 e 25 anos, estudantes dos projetos sociais Ballet Manguinhos localizado no Complexo de Manguinhos, Projeto Vidançar localizado no Complexo do Alemão e estudante de 1 (uma) escola de dança particular, Escola Espaço das Artes localizada em Vila Valqueire, todos localizados na cidade do Rio de Janeiro. As perguntas foram baseadas em conceitos heteronormativos e concepção de masculinidade e gênero que se tem na sociedade e em relação a dança, analisando o contexto cultural da cidade do Rio de Janeiro, e mais, especificamente, a realidade das favelas, no que diz respeito a especificidade do campo abordado nesta pesquisa.

Palavras Chaves: Dança, Masculinidade, Heteronormatividade, *Ballet Clássico*, História da Dança

ABSTRACT

This monograph aims to understand the process of acceptance of men in the world of dance and how this influences the way they are perceived by society, especially those who practice classical dance. It also seeks to investigate whether the interviewees have experienced any type of prejudice related to the heteronormative standards imposed by society, which dictate different behavioral expectations for men and women. The research used a qualitative approach, and data were collected through an open online questionnaire with students aged between 13 and 21. Participants included students from two social projects: Ballet Manguinhos, located in the Complexo de Manguinhos, and Projeto Vidançar, located in the Complexo do Alemão, as well as one private dance school, Escola Espaço das Artes, located in Vila Valqueire. All institutions are based in the city of Rio de Janeiro. The questions were based on concepts of heteronormativity and the societal construction of masculinity and gender in relation to dance, analyzing the cultural context of the city of Rio de Janeiro and, more specifically, the reality of the favelas, in line with the specific focus of this research.

Keywords: Dance, Masculinity, Heteronormativity, *Classical Ballet*, History of Dance

SUMÁRIO

1. Introdução.....	9
2. Justificativa.....	11
3. Fundamentos teóricos	16
3.1 Capítulo 1 - Gênero e Masculinidade Tóxica	16
3.2 Capítulo 2 - Dança e Gênero: A Masculinidade na Dança e a Estigmatização de Meninos de Favela no <i>Ballet</i>	20
3.3 Capítulo 3 - Dança e Gênero: A Masculinidade na dança vista pelo olhar de quem pratica	24
4. Considerações finais	33
Referências	36
Apêndice 1 – Questionário Aplicado.....	38
Apêndice 2 – Questionário 1	40
Apêndice 3 – Questionário 2	44
Apêndice 4 – Questionário 3	47
Apêndice 5 – Questionário 4	50
Apêndice 6 – Questionário 5	53
Apêndice 7 – Questionário 6	56

1. Introdução

A dança é uma forma de expressão que transcende culturas, barreiras linguísticas e sociais, estabelecendo-se como uma das mais antigas e universais manifestações artísticas. No entanto, mesmo sendo uma linguagem universal, como tantas outras práticas culturais, a dança não está isenta das influências e imposições de padrões sociais rígidos, especialmente no que diz respeito às normas de gênero. À medida que as sociedades foram se desenvolvendo, surgiram padrões e estereótipos que começaram a moldar a percepção dessa arte, particularmente em relação à presença masculina. A masculinidade, de acordo com as construções sociais tradicionais, frequentemente marginaliza a presença dos homens em determinados espaços culturais, sendo a dança um dos principais alvos dessa exclusão. No caso do *ballet clássico* especificamente, essas influências se tornam ainda mais evidentes, uma vez que essa modalidade foi historicamente associada à feminilidade.

Os homens que decidem entrar para o mundo do *ballet* clássico muitas vezes enfrentam um duplo desafio. Primeiro, eles precisam lidar com o preconceito e a discriminação relacionados ao gênero. Em segundo lugar, há uma questão financeira que afeta significativamente aqueles que vêm de comunidades de baixa renda.

No contexto brasileiro, onde a diversidade cultural é vastamente celebrada, a dança ainda enfrenta desafios consideráveis relacionados a questões de gênero. Especialmente nas favelas do Rio de Janeiro, a dança é vista como algo distante da realidade cotidiana. Meninos que escolhem a dança como forma de expressão frequentemente se deparam com preconceitos enraizados e o apoio familiar nem sempre está presente. Além do fato de que meninos são pressionados a trabalhar desde cedo para ajudar a sustentar suas famílias, o que acaba limitando ou até interrompendo suas atividades artísticas.

A sociedade, muitas vezes, associa a prática da dança masculina a uma falta de masculinidade e a homossexualidade, uma visão distorcida que reforça conceitos heteronormativos e limita as possibilidades de desenvolvimento artístico e pessoal desses jovens, reforçando os estereótipos que associam a dança a uma atividade predominantemente feminina. Essa perspectiva, além de perpetuar

preconceitos, afeta diretamente os meninos que rompem a barreira e contrariando as expectativas sociais, decidem seguir uma carreira artística.

O sexo biológico foi durante muito tempo utilizado para diferenciar homens e mulheres, até que o conceito de gênero surgiu culturalmente constituído e ganhou evidência pensando em oposição ao conceito de sexo, biologicamente formado. Andreoli (2010) cita em seu artigo “Dança, Gênero e Sexualidade: um olhar cultural”, segundo Scott e Connell (1995):

[...] gênero é o processo pelo qual as diferenças sexuais dos corpos de homens e mulheres são trazidas para dentro das práticas sociais, de forma a adquirirem significados culturais”. É entendido, de acordo com esses autores, que há uma construção cultural e formas determinadas de representação de masculinidade e feminilidade na sociedade. (SCOTT; CONNELL, 1995 apud ANDREOLI, 2010, p. 109).

Essa construção social, que dita comportamentos aceitáveis para homens e mulheres é imposta desde cedo, criando barreiras invisíveis, mas poderosas que condicionam as escolhas dos jovens. Esses preconceitos de gênero não apenas limitam as oportunidades dos homens na dança, mas também moldam de forma negativa a maneira como a sociedade vê os homens que dançam. A masculinidade dos bailarinos é constantemente colocada em questão, com eles sendo muitas vezes alvo de ridicularização, estigmatização e até mesmo exclusão social. Esse cenário é ainda mais desafiador para os meninos que crescem em contextos socioeconômicos vulneráveis, como as favelas do Rio de Janeiro. Nessas comunidades, onde as pressões para se conformar a papéis de gênero tradicionais são exacerbadas por condições de vida adversas e por uma cultura de hipermasculinidade, os desafios enfrentados por meninos que desejam dançar são multiplicados.

Diante dessa realidade, é fundamental questionar: Em que medida as concepções heteronormativas interferem na dança masculina? De que maneira essas barreiras afetam os meninos que, em busca de um sonho, enfrentam o

preconceito tanto dentro quanto fora de suas comunidades? Além disso, quais são as estratégias que esses jovens encontram para resistir e se afirmar enquanto dançarinos/bailarinos em um ambiente que, frequentemente, os rejeita?

A relevância desse tema se torna ainda mais evidente quando consideramos o impacto das artes no desenvolvimento social e psicológico de crianças e adolescentes. Ao investigar as dificuldades enfrentadas por esses meninos, não estamos apenas ampliando o debate sobre gênero e arte, mas também questionando as estruturas sociais que perpetuam a exclusão e o preconceito. Esta discussão é fundamental para promover um ambiente mais inclusivo na dança e, por extensão, em outras esferas da vida cultural e social, especialmente ao considerarmos a modalidade do *ballet clássico*, frequentemente mais estereotipada do que outras modalidades de dança como o *hip hop*, dança de salão e até mesmo o sapateado.

2. Justificativa

Ao longo da minha trajetória de vida com a dança, posso dizer que fui de certa forma agraciado. Comecei a dançar nas festas da escola e, desde muito cedo, era possível identificado um certo dom para a arte. O bom de ser criança é que você ainda não tem discernimento para entender o julgamento da sociedade. Mas conforme eu fui crescendo, comecei a identificar e me afetar com ele. Somente aos 13 anos comecei — tive a coragem — a frequentar regularmente aulas de dança, começando pelo *Hip Hop*, que era considerado a “dança de menino”, depois jazz e finalmente o tão temido e estigmatizado *Ballet Clássico*.

Embora estivesse começando a me reconhecer como homossexual, ainda sentia vergonha de me assumir — talvez nem compreendesse plenamente o que isso significava. Tive, no entanto, completo apoio familiar para seguir o caminho artístico e após ser selecionado para estudar na Escola Estadual de Dança Maria Olenewa¹, escola do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, pude ter contato com pessoas que viam a arte de uma forma diferente.

¹ A Escola Estadual de Dança Maria Olenewa é a mais antiga escola de dança do Brasil, fundada em 1927 pela bailarina russa Maria Olenewa. Vinculada ao Theatro Municipal do Rio de Janeiro, é reconhecida por sua

O orgulho de carregar o brasão do Theatro Municipal do Rio de Janeiro no peito do uniforme da escola, ter recebido bolsa de estudo para estudar em Nova Iorque substituiu qualquer vergonha ou insegurança que antes eu possuía por fazer aulas de *ballet* em um pequeno estúdio de dança em São João de Meriti. Comecei a sentir orgulho da minha futura profissão. Mas tenho plena consciência que nem todos tem o apoio ou podem carregar um brasão importante no peito. Então nesses casos não há o que substituir o medo e a insegurança.

A escolha de investigar a inserção de meninos no *ballet clássico*, particularmente aqueles oriundos de favelas, surge da necessidade de compreender como fatores sociais e culturais afetam a prática artística masculina. Historicamente, o *ballet* tem sido marginalizado para os homens devido às normas heteronormativas que associam essa modalidade a um universo mais feminino. Stinson (1998) observou que meninos entre 10 e 15 anos frequentemente associam a dança com uma atividade “de meninas”, enquanto aqueles mais velhos demonstram receio de serem rotulados como homossexuais. Esse preconceito, sustentado por uma construção cultural de masculinidade, afasta muitos jovens da prática do *ballet*, reforçando barreiras de aceitação social.

Durante muitos anos, o *ballet* masculino foi hostilizado pela sociedade moderna por conta da construção social baseada em valores heteronormativos, levando a um crescente preconceito com os praticantes dessa arte. Hoje em dia, com uma modernização dos valores sociais, homens fazendo aulas de *ballet* já são menos estigmatizados e podemos ver um novo interesse de jovens por essa forma de expressão artística.

A história do *ballet* ocidental é profundamente entrelaçada com transformações culturais, sociais e políticas, desde seus primórdios até sua consolidação como forma artística codificada. A dança também teve diferentes relações com o gênero dependendo do período e do contexto cultural. Curiosamente, nas antigas civilizações greco-romanas, a prática da dança — e do teatro como um todo — era predominantemente masculina. mulheres eram proibidas de se apresentar em público, e os papéis femininos eram frequentemente

interpretados por homens. Um exemplo é a pantomima, uma forma de expressão cênica que combinava dança e gestos codificados para contar histórias sem o uso da fala. As pantomimas eram executadas por homens que, inclusive, interpretavam personagens femininas, muitas vezes utilizando máscaras e adereços para representar o universo feminino. A exclusão das mulheres dessas manifestações artísticas era justificada por razões morais, políticas e religiosas, sendo considerada uma forma de preservação dos “bons costumes”.

Essa exclusão, porém, não impedia que a dança tivesse grande valor simbólico e social. Os artistas masculinos eram reconhecidos e respeitados, especialmente quando pertenciam a tradições ritualísticas ou às cortes imperiais, o que reforça o lugar da dança como espaço originalmente reservado aos homens em várias civilizações ocidentais.

Então antes de ocupar os palcos dos teatros, a dança percorreu um longo caminho, passando por rituais religiosos na Idade Média, festividades populares, encenações em praças públicas e celebrações aristocráticas nos salões da corte. Foi somente a partir da Renascença, no século XVI, que o *ballet* começou a se delinear de forma mais estruturada na Itália, ganhando destaque na França com o apoio de figuras como Catarina de Médici.

Ao longo da história, o *ballet* sempre esteve vinculado a estruturas de poder e status. Durante o reinado de Luís XIV de Bourbon (1638-1715), a dança passou a desempenhar um papel central na corte francesa, e o *ballet* se consolidou como uma prática reservada à elite. Luís XIV, conhecido como o “Rei Sol”, foi um grande entusiasta do *ballet* e utilizou a dança como uma forma de reafirmar sua autoridade política. Ele próprio frequentemente se apresentava em espetáculos que glorificavam seu reinado.

Durante esse período, surgiram nomes masculinos de destaque como Jean Balon (1671–1739), conhecido por sua leveza nos saltos, origem do termo *ballon*, ainda hoje usado no vocabulário do *ballet* e Louis Dupré (1697–1774), que se tornou mestre de dança da corte e professor de grandes nomes do *ballet*. Foi nessa época que o *ballet* deixou de ser uma prática informal, passando a se consolidar como uma arte altamente refinada e codificada, apresentada nos teatros e palácios da nobreza.

Embora a presença feminina tenha começado a se institucionalizar a partir de 1681, com *Mademoiselle de La Fontaine*, reconhecida como a primeira bailarina profissional a se apresentar na *Académie Royale de Musique*² (atual Opéra de Paris), os papéis de maior destaque ainda eram reservados aos homens. As mulheres, muitas vezes, apareciam apenas como suporte visual ou acompanhando os bailarinos nos enredos. A técnica e o protagonismo nas cenas estavam centralizados nas figuras masculinas, que eram os principais responsáveis pelas variações virtuosas e pelas partes mais complexas das coreografias.

Esse desequilíbrio refletia os valores da época: o bailarino era visto como o porta-voz da nobreza e do poder, enquanto a bailarina ocupava um lugar quase decorativo, ainda sem o reconhecimento artístico que viria posteriormente. Foi apenas no século XIX, com o surgimento do Romantismo, que essa lógica começou a se inverter, dando lugar à ascensão da figura feminina como protagonista no palco do *ballet*.

O auge desse período veio com Marie Taglioni, ícone do *ballet romântico*, que eternizou o uso das sapatilhas de ponta como parte fundamental da técnica, e encarnou a figura etérea da bailarina. A leveza, o lirismo e a idealização da mulher passaram a dominar o imaginário do *ballet*, reduzindo o *ballet* masculino a papéis secundários por muitas décadas.

Somente no século XX, com os *Ballets Russes*³ de Sergei Diaghilev, houve um novo impulso à valorização do bailarino masculino. A companhia, revolucionária em diversos aspectos, foi responsável por reposicionar os homens no centro da cena com coreografias que exaltavam sua força, virtuosismo e presença cênica. Diferentemente do protagonismo quase exclusivo das bailarinas durante o

² A Académie Royale de Musique, fundada em 1669 por ordem de Luís XIV, é a instituição que deu origem à atual Opéra de Paris ou Opéra National de Paris. Com o tempo, tornou-se uma das casas de ópera mais renomadas do mundo e desempenhou papel central na história do *ballet*, abrigando o corpo de baile mais antigo ainda em atividade, o *Ballet* da Ópera de Paris.

³ *Ballets Russes* foi uma companhia de dança fundada por Sergei Diaghilev em 1909, em Paris. Embora seu nome faça referência à Rússia, o grupo nunca se apresentou em território russo. A companhia revolucionou o *ballet* no século XX ao incorporar colaborações com artistas e compositores como Pablo Picasso, Henri Matisse, Igor Stravinsky e Claude Debussy, além de lançar grandes nomes da dança como Vaslav Nijinsky, Léonide Massine, Bronislava Nijinska e George Balanchine. Os *Ballets Russes* introduziram uma nova estética, integrando música, artes visuais e dança em espetáculos inovadores que romperam com as convenções do *ballet* clássico tradicional.

romantismo, os *Ballets Russes* resgataram o lugar de destaque dos homens no palco e influenciaram profundamente a estética do *ballet* moderno.

Nesse contexto, surgiram nomes como Vaslav Nijinsky (1890–1950), considerado um dos maiores bailarinos de todos os tempos, reconhecido por sua impressionante capacidade técnica e expressividade dramática. Foi também um coreógrafo inovador, responsável por obras marcantes como *L'Après-midi d'un faune* (1912) e *Le Sacre du printemps* (1913), esta última revolucionária por sua abordagem coreográfica radical, que rompeu com as convenções clássicas e causou forte impacto na época.

Outros nomes também se destacaram nesse movimento, como Léonide Massine (1896–1979), que além de bailarino, foi coreógrafo da companhia após a saída de Nijinsky. Criou *ballets* que valorizavam a fisicalidade e o protagonismo masculino, como *Parade* (1917), com música de Erik Satie e cenários de Pablo Picasso. Já Serge Lifar (1905–1986), um dos últimos grandes nomes formados sob a influência de Diaghilev. Após a dissolução dos *Ballets Russes*, tornou-se diretor da Ópera de Paris, onde consolidou a figura do *danseur noble* e ajudou a restabelecer o prestígio do bailarino masculino.

A atuação desses artistas, somada à visão estética e curatorial de Diaghilev, foi fundamental para transformar o papel do homem na dança, atribuindo-lhe novamente centralidade artística e protagonismo técnico. Essa transição evidencia uma mudança cultural profunda: de uma arte inicialmente reservada aos homens, com mulheres proibidas de atuar, para uma prática onde o corpo feminino se tornou símbolo máximo da técnica e da expressão estética, até alcançar um novo equilíbrio com o retorno da valorização do bailarino masculino no século XX. Esse vai e vem da história, com suas exclusões, revalorizações e reposicionamentos, mostra como o *ballet* dialoga com os valores de cada época e, mais do que isso, como ele é constantemente atravessado por disputas simbólicas sobre gênero, corpo e poder.

Apesar do preconceito ainda vivido por parte dos bailarinos, principalmente os que se dedicam ao *ballet clássico*, podemos pensar que essa realidade pode ser mudada e que vai ser mais aceita no decorrer do tempo, à medida que barreiras sociais forem sendo superadas. Um grande exemplo disso é o pequeno príncipe George, filho do Príncipe William e da princesa Kate Middleton, que começou a fazer

ballet ainda criança em 2019, e já conta com o apoio dos pais. O príncipe William segue o mesmo conselho da sua mãe: “E se é algo que você ama, você faz o que ama. Não deixe que ninguém lhe diga o contrário. Continue assim” e colocou os dois filhos, a menina Charlotte e o menino George nas aulas de *ballet*. Porém, esse grande fato ainda esbarra nas barreiras impostas socialmente. Nem mesmo o status de ser da realeza protegeu o pequeno príncipe dos comentários maldosos e carregados de preconceitos. Então cabe a nós pensar, se um príncipe não está livre de sofrer com a injúria preconceituosa, o que um simples jovem, que muitas vezes não tem nem o apoio familiar, pode fazer para conseguir trilhar seu caminho na dança?

3. Fundamentos Teóricos

3.1 Capítulo 1

Questões de Gênero e Masculinidade Tóxica

A discussão sobre gênero e masculinidade sempre esteve presente nas dinâmicas sociais, mas nas últimas décadas ela se intensificou, especialmente à medida que se questionam as normas tradicionais que moldam o comportamento de homens e mulheres.

O termo “masculinidade tóxica” começou a ser utilizado nos anos 1980 por autores como o psicólogo Shepherd Bliss, no contexto do *Mythopoetic Men’s Movement*, que buscava redefinir o papel dos homens na sociedade a partir de um olhar mais sensível e crítico. A ideia era nomear e problematizar padrões de comportamento tradicionalmente associados ao masculino, como a repressão emocional, a agressividade e o desejo de controle, que acabavam por gerar sofrimento tanto para os próprios homens quanto para quem convive com eles.

Posteriormente, o conceito foi ampliado por estudiosos como Connell (1995), que elaborou a noção de masculinidade hegemônica para descrever como certos modelos de ser homem são socialmente privilegiados, enquanto outros são marginalizados. Nesse contexto, a masculinidade tóxica passou a ser compreendida não apenas como uma característica individual, mas como uma estrutura cultural que reforça desigualdades e limitações.

A masculinidade tóxica, portanto, descreve comportamentos que sustentam a dominação, o controle e a repressão emocional dos homens. Ela não apenas afeta suas relações interpessoais, mas também impõem limites à expressão artística e emocional. Parte do pressuposto de que os homens devem ser fortes, agressivos e emocionalmente contidos. Qualquer desvio desse padrão, seja no comportamento, nas escolhas de carreira ou até mesmo em relação às suas expressões artísticas, pode resultar em preconceito ou discriminação.

É nesse cenário que a relação entre homens e a dança, em especial o *ballet clássico*, deve ser analisada: como uma prática que desafia diretamente os estereótipos de masculinidade e, por isso, muitas vezes ainda enfrenta resistência e estigmatização social.

A dança é uma manifestação cultural, social e artística de grande relevância na vida humana, sendo descrita por Hanna (1999) como um “comportamento humano propositado”, compartilhado entre o dançarino e a sociedade à qual ele pertence.

A construção social de gênero está profundamente atrelada às expectativas impostas desde a infância, influenciando a maneira como homens e mulheres devem se comportar. Para Scott (1995) e Connell (1995), o gênero é um processo em que as diferenças sexuais entre homens e mulheres são integradas às práticas sociais, adquirindo significados culturais específicos. Assim, o gênero se refere à “construção cultural de ideias sobre os comportamentos e características de homens e mulheres”. Essas normas ditam quais comportamentos são socialmente aceitáveis para cada sexo. No caso dos homens, qualquer prática ou comportamento associado ao feminino é frequentemente rejeitado

A homofobia, muitas vezes, é uma ferramenta utilizada para reforçar essas normas. Homens que se afastam dos papéis tradicionais de masculinidade — seja na dança ou em outras esferas culturais — são frequentemente alvo de estigmatização e discriminação. Connell (1995) chama isso de “ordem de gênero”, onde a heterossexualidade e a masculinidade hegemônica dominam as relações

sociais, e qualquer desvio desse padrão é visto como uma ameaça à estrutura social.

Essa discussão é aprofunda por Andreoli (2010), ao afirmar no artigo *Dança, Gênero e Sexualidade: um olhar cultural*:

[...] quando é permitido culturalmente o homem dançar, é muitas vezes exigido que seja sob a condição de celebrar pelo menos alguns dos atributos de masculinidade hegemônica. (ANDREOLI, 2010, p. 114).

Isso significa que, em muitos contextos, a dança só é aceitável para os homens se incorporar características como força, liderança ou agressividade, como ocorre na dança de salão por exemplo, onde o homem tradicionalmente guia a parceira.

A masculinidade hegemônica — entendida como um padrão idealizado de comportamento masculino que privilegia força, autossuficiência e heterossexualidade — é necessária para entender por que os homens enfrentam tanto preconceito ao ingressar em atividades que desafiam os padrões impostos pela sociedade. Assim, a masculinidade tóxica impõe uma pressão constante para que os homens permaneçam dentro desses limites e qualquer tentativa de expressar vulnerabilidade ou suavidade é vista como uma afronta à masculinidade dominante.

Historicamente, a dança, especialmente o *ballet*, tem sido vista como uma prática associada ao feminino. Isso se deve, em parte, à estética corporal que a dança exige, como aponta Andreoli (2010), ao afirmar que:

[...] a estética corporal proporcionada pela dança é considerada a mais de uma espécie de essência natural da mulher. (ANDREOLI, 2010, p. 112)

Para os homens, essa estética pode ser vista como imprópria, por contrariar o ideal de masculinidade viril associado a esportes como o futebol ou as artes marciais. A dança exige dos homens não apenas força, mas também leveza, flexibilidade e uma sensibilidade que são frequentemente vistas como traços

femininos. Isso significa que culturalmente, o *ballet* é visto como algo que “pertence” às mulheres, gerando uma resistência social em aceitar homens nessa prática. Esse estigma não apenas desencoraja meninos a ingressarem na dança, como também reforça o preconceito enfrentado pelos que decidem seguir por esse caminho.

Essa realidade cria um paradoxo: para dançar, o homem precisa superar uma série de obstáculos sociais que o pressionam a aderir à masculinidade hegemônica, que por sua vez rejeita o que a dança clássica representa. A homofobia e o medo de ser rotulado como “menos homem” afastam muitos meninos das aulas de *ballet*, especialmente em contextos onde a imposição de papéis de gênero tradicionais é ainda mais rígida, como nas favelas do Rio de Janeiro.

Como destaca Pierre Bourdieu (2001), o corpo é um lugar onde se inscrevem as estruturas sociais: ele é moldado, treinado e controlado de acordo com o *habitus*⁴ de cada grupo. No caso das classes populares, especialmente em territórios periféricos, o *ballet* pode parecer uma escolha “incompatível” com o modelo de masculinidade esperado, que valoriza a virilidade, a força bruta e a resistência. Qualquer sinal de sensibilidade ou expressividade corporal que fuja desse molde tende a ser alvo de repressão simbólica e prática.

Ainda assim, projetos sociais em comunidades periféricas têm atuado como potentes dispositivos de resistência a essas imposições. Não apenas oferecem acesso gratuito à arte, como também promovem uma ressignificação da presença masculina na dança. Nesses espaços, meninos encontram apoio para desenvolver seu talento, construir autoestima e romper com os limites que lhes foram impostos, muitas vezes, desde o berço.

A dança, no entanto, pode ser compreendida também como um ato de resistência. Ao desafiar as normas de gênero e se posicionar como bailarinos, esses homens estão questionando diretamente o que significa ser homem em uma sociedade marcada pela heteronormatividade. Essa resistência não se limita ao preconceito externo, mas estende-se às pressões internas impostas pelo *habitus* da masculinidade hegemônica. Esses bailarinos estão, de certa forma, redefinindo os

⁴ O *habitus* é um dos conceitos centrais da teoria bourdieusiana. Refere-se a um conjunto de disposições duráveis e incorporadas, ou seja, padrões de percepção, ação e pensamento que são adquiridos pela experiência social. Em outras palavras, é como a sociedade “molda” o corpo e a mente dos indivíduos ao longo do tempo, sem que isso precise ser explicitamente ensinado.

sentidos da masculinidade ao provar que força, disciplina e resiliência são igualmente necessários na dança quanto em qualquer outro campo tradicionalmente masculino.

Portanto, discutir a relação entre os homens e a dança é também discutir a urgência de desconstrução da masculinidade tóxica e enfrentar a homofobia estrutural. A aceitação dos homens no *ballet* não depende apenas de uma mudança nas percepções culturais sobre a dança, mas exige, sobretudo, um questionamento profundo sobre o que significa ser homem em uma sociedade onde as normas de gênero estão em constante disputa e transformação.

3.2 Capítulo 2

Dança e Gênero: A Masculinidade na dança e a estigmatização de meninos de favela no *ballet*

Ao longo da história, a dança tem sido fortemente influenciada pelas normas sociais de gênero. Desde os primórdios, ela não apenas serviu como meio de expressar emoções, mas também como uma ferramenta para reafirmar ou desafiar papéis sociais. A maneira como as diferentes modalidades de dança é vista pela sociedade está diretamente relacionada às construções culturais de masculinidade e feminilidade. Não é coincidência que o *ballet* clássico é muitas vezes compreendido como algo “feminino”, enquanto o *hip hop*, por exemplo, é frequentemente associado à masculinidade.

Quando se fala em masculinidade, estamos nos referindo a uma série de expectativas que a sociedade impõe sobre o que é “ser homem”, sendo visíveis em praticamente todas as esferas sociais e não somente na dança. Connell (1995) discute a ideia de masculinidade hegemônica como sendo um conceito que define o comportamento masculino ideal, que privilegia características como força, independência e controle.

. Para Weeks (1999), a heteronormatividade é o nome dado a um dispositivo cultural de poder que age através do gênero, com o objetivo de produzir corpos heterossexuais e legitimar processos de diferenciação e de desigualdade social,

como a homofobia. Sendo assim, o que não se encaixa nas normas, é tachado de fora do normal e discriminado.

Tais regras heteronormativas acabam por servir de molde na forma como deve ser construída a noção de masculinidade e feminilidade perante a sociedade, para ser categorizado como “normal” e/ou socialmente adequado. Seguindo essa linha de pensamento, o autor Welzer-Lang (2001), em seu estudo sobre a construção do masculino, é destacado:

[...] É verdade que na socialização masculina, para ser um homem, é necessário não ser associado a uma mulher. O feminino se torna até o polo de rejeição central, o inimigo interior que deve ser combatido sob pena de ser também assimilado a uma mulher e ser (mal) tratado como tal. (WELZER-LANG, 2001, p.6)

De acordo com o estudo etnográfico de Souza (2007), a associação entre dança e falta de masculinidade, fazendo uma ligação à homossexualidade aparece muito fortemente na cultura brasileira. Esse entendimento contrasta com a visão presente na Rússia, um dos grandes polos da dança mundial, onde o *ballet* é altamente valorizado. O país abriga duas das maiores companhias de dança do mundo: o Teatro Bolshoi e o Teatro Mariinsky. Paradoxalmente, apesar da forte tradição na dança, o governo russo é conhecido por fomentar políticas de intolerância e homofobia.

Apesar desse contexto contraditório, a Rússia também foi berço de grandes nomes que ajudaram a projetar uma nova imagem do bailarino masculino: forte, virtuoso e admirado. Um dos exemplos mais emblemáticos é Mikhail Baryshnikov, considerado um dos maiores bailarinos do século XX. Sua trajetória internacional, que inclui passagens pelo Kirov Ballet, American Ballet Theatre e New York City Ballet, consolidou sua figura como uma representação idealizada de virilidade, técnica e presença cênica. Baryshnikov não apenas rompeu com os estereótipos que associavam a dança ao feminino, mas também se tornou símbolo de excelência e admiração, tanto dentro quanto fora dos palcos. Seu corpo atlético, a precisão de seus movimentos e sua postura altiva ajudaram a construir um modelo de

masculinidade que desafiava a marginalização histórica dos homens na dança, ao mesmo tempo em que atraía respeito do grande público, muitas vezes alheio ao universo do *ballet*.

Rogers (2006) argumenta que, ao contrário dos homens, as mulheres que dançam juntas não enfrentam o mesmo estigma de terem sua sexualidade questionada. Nas relações femininas com a dança, o espectro da homossexualidade parece ser menos presente. Isso reforça a ideia de que a dança masculina, especialmente em modalidades como o *ballet*, é vista como uma ameaça à masculinidade tradicional, exigindo uma constante reafirmação de atributos que representem força e virilidade (Andreoli, 2010, p. 113).

Enquanto o *ballet clássico* exige dos bailarinos movimentos suaves, delicados e graciosos, qualidades estas que foram associadas às mulheres ao longo da história, o *hip hop*, por outro lado, é visto como uma dança mais agressiva, energética e confrontadora, sendo assim, mais “aceitável” para os homens. Dessa forma, meninos que ingressam no *ballet* desafiam diretamente as normas sociais sobre o que é considerado apropriado para o masculino, enquanto no *hip hop*, eles reafirmam a masculinidade esperada, já que os movimentos vigorosos são vistos como uma maneira de demonstrar força e virilidade.

O *hip hop* oferece um caminho diferente para os meninos que querem dançar. Segundo Faure (2007), o *hip hop* se caracteriza por uma linguagem corporal vigorosa e desafiadora, que reflete a luta diária e a resistência vivida nas ruas, permitindo aos homens expressarem sua arte e sua identidade sem comprometer os ideais tradicionais de masculinidade.

Gard (2006), em seu estudo *Men Who Dance: Aesthetics, Athletics & the Art of Masculinity*, argumenta que o *hip hop* oferece uma forma segura para os meninos se sentirem confortáveis em uma modalidade de dança. Com raízes nas ruas e na resistência cultural, essa prática está associada a uma postura assertiva e por vezes até agressiva, o que contribui para que essa modalidade seja percebida como uma modalidade mais “masculina”. Enquanto o *ballet* continua a ser visto como incompatível com o comportamento masculino tradicional, Gard (2006) argumenta que, no *hip hop*, os homens podem reafirmar a sua identidade física e emocional sem enfrentar os estigmas associados a outras modalidades de dança.

A prática do *ballet clássico* já é, por si só, uma jornada desafiadora para meninos em qualquer contexto. Contudo, para aqueles que vivem áreas marginalizadas, esse desafio torna-se ainda mais complexo. O contexto das favelas e comunidades de baixa renda impõe barreiras significativas ao acesso à arte, e a dança não é exceção.

Souza (2007), em seu estudo sobre dança e favelas, destaca que a exclusão econômica e a marginalização social afetam diretamente a trajetória artística de jovens periféricos. O acesso a atividades artísticas, como o *ballet clássico*, é frequentemente limitado pela vulnerabilidade econômica e pela ausência de políticas públicas de incentivo. Levando em consideração que a prática da dança exige não apenas dedicação, mas também investimento financeiro em aulas, figurino e transporte, torna-se inviável para muitos jovens que não dispõem desses recursos.

Além disso, Souza (2007) argumenta como o estigma associado às favelas influencia negativamente a forma como o talento desses meninos é percebido. Eles são frequentemente vistos como menos merecedores de oportunidades em comparação a jovens de classes sociais mais altas, o que reforça a exclusão. Essa exclusão econômica se conecta diretamente ao preconceito enfrentado por esses meninos ao tentarem se inserir no *ballet*, uma arte historicamente ligada à nobreza e à elite. A prática do *ballet*, nesse contexto, exige não apenas habilidades técnicas e dedicação, mas também o enfrentamento constante de barreiras simbólicas e estruturais impostas por um sistema desigual.

Se pararmos para analisar a realidade econômica nas comunidades de baixa renda, observamos um obstáculo enfrentado por muitos desses jovens que é a necessidade de contribuir com a renda familiar à medida que envelhecem. Em contextos de vulnerabilidade, é comum que meninos, ao atingirem determinada idade, deixem de frequentar ensaios e aulas de dança para trabalhar e ajudar financeiramente em casa. Sem o apoio familiar, seja por falta de recursos ou por preconceito em relação à escolha artística, muitos acabam sendo pressionados a abandonar seus sonhos artísticos para seguir caminhos considerados mais “pragmáticos” pela sociedade.

3.3 Capítulo 3

Dança e Gênero: A Masculinidade na dança vista pelo olhar de quem pratica

Para a realização desta pesquisa foram entrevistados seis bailarinos com idades entre 13 (treze) anos e 25 (vinte e cinco) anos: 4 alunos do Projeto Social *Ballet* Manguinhos, 1 aluno do Projeto Social Vidançar e 1 aluno da escola particular Espaço das Artes. O objetivo foi compreender como esses jovens reagem aos problemas sociais relacionados ao preconceito com a profissão de bailarino, levando em consideração o tipo de modalidade de dança que praticam, analisando os diferentes universos que estes estão inseridos culturalmente e socialmente.

Entre os blocos do questionário aplicado, incluiu-se uma pergunta sobre a orientação sexual dos participantes. Essa escolha metodológica partiu da necessidade de discutir e desconstruir o estereótipo recorrente que associa automaticamente a prática da dança, especialmente do *ballet* clássico, à homossexualidade. Como destaca Guacira Lopes Louro (2022), a sexualidade não deve ser entendida apenas como uma dimensão biológica ou uma escolha individual, mas como uma construção social e histórica, atravessada por discursos, normas culturais, instituições e práticas sociais que regulam os corpos e os desejos. Assim, ao abordar a sexualidade, estamos também falando das formas como a sociedade organiza as relações de poder, estabelece expectativas sobre os comportamentos considerados aceitáveis e normatiza as expressões de gênero.

A Associação *Ballet* Manguinhos teve origem em 2012, quando a fundadora do projeto, Daiana Ferreira, começou a dar aulas de *ballet* em uma igreja no Complexo de Manguinhos, atendendo 80 alunas. Atualmente, o projeto é uma referência no território, atendendo cerca de 550 crianças e jovens, fomentando a cultura e o desenvolvimento social através de aulas de dança, circo, teatro, palestras formativas e fornecendo acompanhamento psicológico. Sendo cada vez mais importante no cenário social do território, foi responsável por ajudar as famílias das alunas providenciando por meios de apoiadores, mais de 2.000 cestas básicas durante a pandemia de Covid 19 que atingiu a nossa população. Garantindo assim, itens básicos para as famílias moradoras do território que estavam passando por necessidades.

O projeto Vidançar realiza oficinas de dança, reforço escolar, inglês e apoio psicossocial para crianças, adolescentes e jovens no Complexo do Alemão. O projeto inclui também oficinas de Educação para Cidadania, envolvendo temas como inovação, direitos humanos, ética, cidadania e outros temas transversais, atendendo cerca de 300 alunos.

O Espaço das Artes é uma escola particular, fundada em 2019 com o objetivo de realizar sonhos de artistas, transformando-os em profissionais completos. Em seu espaço também oferece aulas de *ballet* clássico, *jazz*, dança contemporânea, *hip hop*, sapateado e teatro, sendo reconhecida por sua proposta pedagógica ampla e inclusiva.

Ao analisar as informações coletadas junto aos meninos que fazem aula de *ballet clássico*, é possível aproximar-se da problemática abordada nesta pesquisa. Os relatos dos bailarinos enriquecem o estudo e contribuem para a reflexão sobre preconceito, o ensino das artes e a visão da heteronormatividade dentro da nossa sociedade. As entrevistas revelam um retrato vivo das dificuldades que meninos das favelas do Rio de Janeiro enfrentam ao praticar *ballet*, uma dança muitas vezes estigmatizada e percebida como incompatível com a masculinidade hegemônica. Ao mesmo tempo, essas entrevistas mostram como a paixão pela dança pode se transformar em uma ferramenta de resistência e autoafirmação.

O instrumento metodológico utilizado foi um questionário aberto, aplicado de forma online. As perguntas foram organizadas em quatro categorias principais:

- Categoria 1: Identificação dos participantes
- Categoria 2: Relação com a dança e expectativas em relação a modalidade
- Categoria 3: Relacionamento na esfera familiar
- Categoria 4: Contribuição livre sobre a perspectiva da dança na esfera social

Por se tratarem, em sua maioria, de meninos menores de idade, adotou-se o uso de nomes fictícios na apresentação dos dados da Categoria 1, de modo a preservar a identidade dos participantes.

A análise dos dados seguiu uma abordagem qualitativa. Primeiramente, realizou-se uma leitura preliminar das respostas coletadas com o objetivo de estabelecer uma visão inicial sobre as informações e identificar os dados relevantes. Em seguida, com uma leitura mais detalhada e sistemática, foram destacados os aspectos mais significativos das respostas para facilitar a tabulação e a correlação das diferentes perspectivas sobre o tema central da pesquisa. As respostas foram organizadas em quadros de forma resumida, visando simplificar o processo de análise interpretativa e a descrição dos pontos considerados mais importantes.

3.1 Discussão de Resultados: compreendendo o universo masculino da dança

Categoria 1: Identificação dos participantes

Nome	João	Pedro	Guilherme	Lucas	Miguel	Jonas
Idade	25 anos	13 anos	17 anos	19 anos	18 anos	16 anos
Sexo	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino
Opção Sexual	Pansexual	Heterossexual	Homossexual	Heterossexual	Heterossexual	Homossexual
Escolaridade	Médio Completo	Fundamental Completo	Médio Completo	Superior Incompleto	Médio Completo	Fundamental Completo
Naturalidade	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Muriae / MG	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
Local onde mora	Encantado / RJ	Engenheiro Novo / RJ	Jacaré / RJ	Bosuncesso / RJ	Higienópolis / RJ	Jacarezinho / RJ
Onde faz aula	Ballet Manguinhos	Espaço das Artes	Ballet Manguinhos	Projeto Vidançar	Ballet Manguinhos	Ballet Manguinhos

Quadro 1: Identificação

Categoria 2: Relação com a dança e expectativas em relação a modalidade

Questão 2	João	Pedro	Guilherme	Lucas	Miguel	Jonas
Porque pratica	Começou com o objetivo de emagrecer. Depois começou a gostar	Pois eu me sinto bem dançando.	Encontrei uma maneira de expressar meus sentimentos	Expressar meus sentimentos	Sempre gostei de como me sentia quando estava dançando.	Sempre dancei em festas, igreja etc
Tempo de prática	14 anos envolvido com a dança com alguns intervalos	A três anos	Há pouco mais de 2 anos	4 anos.	Desde pequeno	ballet faz 4 anos
Expectativas em relação a dança	Anseio por uma carreira profissional.	Seguir um caminho profissional	Tenho planos profissionais na área	Dar aulas no mundo da dança	Tenho planos de crescer profissionalmente	Quero ser um grande bailarino
Motivo de permanência	Acredito que a dança seja uma salvação social, emocional e física. Quer ter algo concreto com a dança.	Porque eu gosto, quero me tornar profissional	Amo dançar e acredito que a dança pode me proporcionar uma realização não só pessoal, como financeira	A dança é meu refúgio pessoal	Me faz sentir que estou leve	Porque é uma coisa que amo
Investimento	Sempre recebi bolsa.	Recebo bolsa	Faço parte de um projeto social	Faço parte de um projeto social, preciso apenas custear figurinos, sapatinhas e alguns outros itens.	Faço parte da associação Ballet Manguinhos que fornece aulas gratuitas	Faço parte de um projeto social, nunca paguei pra fazer aula
Parou de dançar	Sim	Não	Desde que comecei, nunca parei	Não.	Não	Não
Relação com Ballet e outras modalidades	O ballet clássico pela destreza que traz as outras áreas da vida. Já fiz outras modalidades.	Eu também faço danças urbanas, jazz, Contemporâneo, sapateado	Não pratico outras modalidades, pois acredito que tiraria meu foco, prefiro me concentrar apenas no ballet, que é minha paixão	Pratico dança contemporânea também, mas o ballet me cativa, todas as responsabilidades que vem junto a essa modalidade me fazem mais completo.	Pois gosto de me desafiar e tenho paixão pela modalidade e também pratico dança contemporânea	Sempre vi repertórios de ballet clássicos por isso amo tanto, já fim jazz porque acho lindo

Quadro 2: Trajetória na dança

Analisando os dados do quadro referente à trajetória dos entrevistados, nota-se um ponto em comum: todos os participantes praticam dança há pelo menos dois anos e, quando questionados sobre o motivo de continuarem, afirmaram que a dança os faz se sentirem bem. A unanimidade também aparece quando indagados sobre suas expectativas com a prática: todos manifestaram o desejo de seguir profissionalmente na área, tendo encontrado no *ballet clássico* o caminho que desejam trilhar, mesmo após terem experimentado outras modalidades.

É importante observar que todos os entrevistados são bolsistas ou participantes de projetos sociais, o que indica uma oferta de oportunidades de acesso gratuito à formação em dança para meninos. No entanto, mesmo com a gratuidade das aulas, um dos entrevistados relatou ter interrompido os estudos em determinado momento por dificuldades financeiras. Isso reforça o argumento de Souza (2007) sobre os entraves econômicos e a precarização do acesso à arte em territórios marginalizados, como as favelas do Rio de Janeiro.

A análise também revela que o obstáculo financeiro ultrapassa a barreira da mensalidade. A permanência na dança envolve custos com transporte, alimentação, roupas e tempo disponível, recursos escassos para famílias em situação de vulnerabilidade. Conforme os meninos crescem, torna-se comum que enfrentem a pressão familiar para contribuir com a renda doméstica, o que muitas vezes os leva a abandonar a prática artística para assumir empregos formais ou ingressar em programas como o “Jovem Aprendiz”. Como destaca Connell (1995), esse processo também se relaciona com a masculinidade hegemônica, que valoriza o papel do homem como provedor, colocando em segundo plano atividades consideradas não produtivas ou “não masculinas”, como o *ballet*.

Por fim, ao decidirem permanecer na dança, esses meninos enfrentam não apenas barreiras materiais, mas simbólicas. Estão desafiando expectativas sociais que ainda hoje associam o *ballet* a um território feminino, como já discutido por Andreoli (2010) e Welzer-Lang (2001). A escolha por seguir no *ballet*, portanto, constitui-se também como um ato de resistência frente às imposições de gênero, reafirmando o corpo masculino como legítimo nesse espaço.

Categoria 3: Relacionamento na esfera familiar

Questão 3	João	Pedro	Guilherme	Lucas	Miguel	Jonas
Incentivo Familiar	Mais ou menos	Mais ou menos	Meu pai está preso e minha mãe não teve condições de me criar. Fui criado pela minha avó que me incentiva e me dá total apoio	Me incentivam muito	Meu pai não aceita muito bem, minha mãe só quer minha felicidade	Sim, sempre
Investimento pela família	Sim	Sim	Minha avó não tem muitas condições financeiras para investir em mim	Me ajudando a custear os itens necessários.	Meus pais sempre foram dedicados na minha educação, mas nunca tiveram muitos recursos	Sim
Discriminação	Sim, familiares e pessoas de fora	Sim, familiares e pessoas de fora	Sim, mas não pela família e sim amigos da comunidade	Já sofri sim, porém foi por parte dos amigos	Sim. Foi pelos meus parentes que me chamaram de gay	Sim, pessoas fora do ciclo familiar
Preconceito com meninos de favelas	Sim	Sim	Acredito que sim	Com certeza sim.	Sim. Pois nunca nos olham como pessoas competentes e talentosas como os meninos que são de outras áreas	Sim. Meninos que fazem em geral na verdade

Quadro 3: Esfera Familiar

A categoria 3 do questionário buscou explorar como o ambiente familiar influencia o desenvolvimento dos jovens bailarinos entrevistados. As respostas revelaram uma diversidade de experiências, refletindo tanto incentivos quanto desafios significativos. O apoio emocional e financeiro parece estar profundamente interligado com as condições socioeconômicas e a aceitação cultural dentro do núcleo familiar.

O incentivo familiar se torna um aspecto crucial para a continuidade na dança, principalmente em um ambiente onde o preconceito pode ser uma barreira significativa. No entanto, as respostas mostram que esse apoio não é uniforme entre os participantes. Enquanto alguns relataram que recebem apoio da família, alguns como João e Pedro responderam que recebem por parte da família e Miguel já declarou que o pai não aceita.

Essa realidade dialoga com a noção de masculinidade hegemônica desenvolvida por Connell (1995), segundo a qual existe uma construção social que privilegia atributos como força, controle e racionalidade, em detrimento de práticas associadas ao cuidado, sensibilidade e expressão corporal, como a dança. Nessa

lógica, pais que não apoiam os filhos bailarinos estão, muitas vezes, reafirmando esse modelo hegemônico de masculinidade, onde o *ballet* é visto como uma ameaça à identidade masculina. Assim, a ausência de apoio familiar não é apenas econômica ou emocional, mas também simbólica, reforçando normas de gênero restritivas.

Essa perspectiva é aprofundada por Souza (2007), que discute como a vulnerabilidade econômica e a falta de apoio familiar afetam diretamente as oportunidades de jovens de baixa renda no acesso à arte. Para muitos desses meninos, o *ballet* representa uma chance de transformação, mas a realidade impõe barreiras quase intransponíveis, como a necessidade de contribuir financeiramente com suas famílias. Esse ponto é crucial: talvez por se tratarem em sua maioria de meninos muito jovens, não houve depoimentos dos entrevistados mencionando que, em algum momento, tiveram que escolher entre continuar dançando ou trabalhar para ajudar em casa.

Quando se trata de apoio financeiro, novamente há uma variação significativa nas experiências. Jonas, Pedro e João mencionaram que recebem ajuda para custear os itens necessários, e outros como Guilherme, indicou que sua avó não tem condições de investir em sua educação na dança e Miguel disse que, embora seus pais tenham sido sempre dedicados, a situação financeira da família limitou o apoio e se levarmos em consideração a falta de apoio do pai, isso acaba se agravando. Então mesmo recebendo bolsa de estudo e participando de projetos sociais, ainda são necessários outros tipos de investimentos, como uniforme e sapatilhas, que nem sempre são dados pelos projetos e os alunos precisam arcar com esse valor, podendo ser um obstáculo na sua continuidade na dança.

A questão da discriminação, tanto dentro quanto fora do ambiente familiar, também foi um ponto importante. Todos os entrevistados relataram ter enfrentado algum tipo de discriminação, seja por parte de familiares ou de pessoas externas ao círculo familiar. Jonas mencionou ter sofrido preconceito de amigos, enquanto João e Pedro identificaram a família como uma fonte de discriminação. Guilherme, por sua vez, destacou o preconceito dos amigos da comunidade. Além disso, todos os entrevistados concordaram que há um preconceito específico contra meninos de favelas que praticam *ballet*. Esse preconceito é percebido como mais intensidade

em comparação com meninos de outras áreas da cidade. Miguel, por exemplo, destacou que os meninos de favela não são vistos como competentes ou talentosos como os de outras regiões, um sentimento compartilhado por outros entrevistados. Seguindo diretamente ao argumento de Souza (2007) sobre o estigma associado às favelas que afeta a percepção do talento desses meninos e são frequentemente vistos como menos merecedores de oportunidades em comparação a jovens de classes sociais mais altas, reforçando a exclusão.

Assim, é possível perceber que o ambiente familiar opera como um reflexo das estruturas de poder mais amplas que regulam as experiências de gênero. A partir de Connell (1995), compreende-se que o *ballet*, ao não corresponder aos padrões da masculinidade hegemônica, exige dos meninos não apenas esforço técnico e físico, mas também coragem simbólica para enfrentar o preconceito. O apoio ou a rejeição familiar, nesse sentido, é um marcador relevante da forma como essas normas sociais são reproduzidas (ou desafiadas) dentro do espaço doméstico.

Categoria 4: Contribuição livre sobre a perspectiva da dança na esfera social

Questão 4	João	Pedro	Guilherme	Lucas	Miguel	Jonas
Superação / Discriminação	Sim, ignorar essas pessoas e seguir me caminho	Sim, ignorar essas pessoas e seguir me caminho	Sim, no entanto isso não me abala.	Há sim muita discriminação em relação a homens que dançam, mas isso não me abala	Sim com certeza. Sigo firme com foco sem ligar para opiniões alheias	Sim, não ligando para o que falam
Preconceito menor em outras modalidades, como Hip Hop	Sim. O hip Hop é uma cultura que veio das comunidades marginalizadas	Sim	Sim. A final hip hop, rap e outros gêneros são vistos como masculinos, enquanto o Ballet é taxado de feminino	Com certeza, pois essa modalidade já está popularmente mais ligada ao gênero masculino.	Sim.	Não.
Esteriótipo de homossexual	de não poder fazer de forma livre sem medo de estar parecendo o que quero ser.	Sim, compara que dança é de pessoa homossexual e mulher	Sim. A sociedade nos vê assim e até nos coloca de lado em outras atividades ditas como masculinas.	Sim, pois algumas mulheres que conheço tem dificuldade de se relacionar comigo por acharem que sou homossexual.	Sim. Pois muitas meninas com quem me relaciono quando falo que sou bailarino acham que sou gay. Atualmente namoro uma bailarina da mesma associação que frequento	Dificuldade não, mas sempre acham que só homossexuais fazem
Esteriótipo em outras modalidades	Acredito sim.	Sim	Não	Acho que sim, porém de maneira mais branda.	Não	Sim.
Numero de meninos	mais dois ou mais três, totalizando, no máximo, cinco meninos para vinte meninas.	Baixa	Em média 10 ou 15 meninas pra 1 menino	Difícilmente passa de 5 homens em uma mesma aula	Somente eu na turma composta por 21 pessoas	Poucos
Regras que existem na dança	Sim. Não demonstrar a feminilidade	Não	Sim. Nunca entendi a limitação de sapatilha de ponta apenas para mulheres ou ainda pq apenas elas podem ser levantadas.	Não há nenhuma regra que me incomode.	Sim. Gostaria de que houvesse sapatilhas de ponta para homens	Na verdade não.

Quadro 4: Esfera Social

A análise das respostas da categoria 4, que aborda as percepções dos participantes sobre a dança no contexto social, revela diversos aspectos significativos relacionados aos preconceitos e estereótipos de gênero que pesam sobre meninos que dança, oferecendo uma visão profunda sobre as percepções sociais da dança e como o *ballet clássico* e o *hip hop* são tratados de maneira distintas.

Os participantes reconhecem a existência de preconceitos, especialmente direcionados a homens que praticam *ballet clássico*. A resposta mais comum para superar esse obstáculo é ignorar as opiniões negativas e seguir em frente com foco e determinação. Isso evidencia a resiliência dos bailarinos, que enfrentam estigmas de forma consciente e, apesar das dificuldades, mantêm-se firmes em sua escolha pela dança. Esse enfrentamento pode ser compreendido, conforme aponta Connell (1995), como uma forma de resistência à masculinidade hegemônica, que privilegia atributos como força, agressividade e racionalidade, e marginaliza expressões que rompem com esse padrão, como a delicadeza exigida no ballet.

Muitos entrevistados relataram que o *ballet clássico* é frequentemente associado à homossexualidade, o que resulta em dificuldades tanto em relacionamentos pessoais, se tratando de pessoas heterossexuais, quanto na forma como são vistos pela sociedade em geral. Essa estigmatização se alinha ao que Gard (2006) discute sobre o peso do julgamento social sobre os corpos masculinos dançantes: ao contrário de outras modalidades, o *ballet* é visto como menos compatível com a virilidade esperada.

Esse estereótipo parece ser uma das barreiras mais desafiadoras enfrentadas pelos bailarinos, que precisam lidar não só com a prática da dança, mas também com as expectativas e julgamentos sociais. Há um consenso entre os entrevistados de que modalidades como o *hip hop* são vistas de maneira diferente, geralmente mais associadas ao universo masculino, já que é uma modalidade que surgiu nas ruas e está associada a uma cultura de resistência e força, com uma imagem de virilidade e poder, o que reduz o preconceito em comparação ao *ballet clássico*, que por sua vez tem uma estética mais delicada e movimentos refinados e acaba sendo considerado pela sociedade como incompatível com a imagem tradicional de masculinidade. Isso reforça a ideia de que as normas de gênero ainda influenciam

fortemente a percepção social sobre as diferentes modalidades de dança, o que confirma os argumentos de Faure (2007) e Gard (2006) que dialogam como o *hip hop* é visto como uma modalidade mais “masculina” e não é tão estigmatizado quanto o *ballet clássico*.

A percepção de que outras modalidades de dança também sofrem com estereótipos, embora de maneira menos acentuada, mostra que o preconceito não é exclusivo do *ballet clássico*, mas que se manifesta em diferentes graus dependendo da dança em questão.

Outro ponto a ser analisado é que em geral, o número reduzido de meninos nas aulas de dança, em comparação com as meninas, é um reflexo direto dos preconceitos e estereótipos discutidos. A presença masculina é claramente minoritária, o que pode tanto ser causa quanto consequência do preconceito existente, não passando de 5 meninos presentes fazendo aula na mesma sala. Essa escassez pode ser entendida, com base em Connell (1995), como resultado direto da construção social das masculinidades, que afasta os meninos de espaços de expressão sensível e artística, reforçando a cisão entre o que é “masculino” e “feminino”.

Alguns participantes destacaram a frustração com certas regras do *ballet*, como a limitação do uso de sapatilhas de ponta exclusivamente para mulheres e não demonstrar feminilidade, apesar de ser uma dança delicada. Isso sugere um desejo por maior igualdade e oportunidades dentro da prática da dança, sem restrições de gênero.

A rotulação do movimento humano, seja na dança ou não, como sendo próprios do universo masculino ou feminino pode gerar preconceito e discriminação. E em relação a situações como essa Souza (2007) complementa:

[...] que a hostilização à ideia de o homem praticar dança não é algo que venha do meio da dança, mas principalmente de fora, daqueles que não praticam dança, principalmente dos homens. (SOUZA, 2007 apud ANDREOLI, 2010, p.115).

Porém, esse pensamento de Souza (2007) encontra limitações já estabelecidas dentro do próprio universo do *ballet clássico*, que impõe papéis e estéticas rigidamente marcadas pelo gênero. Um exemplo notório é o uso das sapatilhas de ponta, historicamente reservado às mulheres nas apresentações profissionais. Essa escolha estética está diretamente ligada à construção da imagem da bailarina etérea, delicada e quase sobrenatural, reforçando o ideal de feminilidade tradicional do *ballet*.

Embora atualmente alguns bailarinos utilizem as pontas como ferramenta de fortalecimento ou em propostas artísticas específicas, como no caso da companhia *Les Ballets Trockadero de Monte Carlo*, que subverte essas convenções com humor e técnica, a norma predominante no circuito profissional ainda mantém a distinção sobre o uso profissional das sapatilhas de ponta. Essa separação reforça as fronteiras de gênero dentro da própria linguagem da dança, reafirmando a ideia de que há movimentos e expressividades “próprias” de cada sexo.

Em resumo, as respostas revelam que, apesar dos desafios impostos pelos preconceitos e estereótipos, os bailarinos entrevistados demonstram uma forte determinação para continuar suas trajetórias na dança. A superação desses obstáculos, embora árdua, é vista por muitos como parte do caminho para alcançar seus objetivos, seja como hobby ou em busca de uma carreira profissional.

4. Considerações Finais

Por meio dos resultados obtidos nesta pesquisa evidenciou a complexidade envolvida na aceitação dos homens no mundo da dança, especialmente no *ballet clássico*, e como essa aceitação é influenciada pelas normas heteronormativas vigentes na sociedade. A análise revelou que, embora os entrevistados apresentem um forte vínculo com a dança, muitos deles enfrentam desafios relacionados ao preconceito e à estigmatização, apesar do progresso em termos de aceitação e inclusão, os preconceitos que persistem na sociedade ainda limitam a participação masculina nessa arte. Tais preconceitos são reforçados tanto pelas normas de masculinidade hegemônica quanto pela construção histórica do *ballet* como uma prática associada ao universo feminino e elitizado.

É pertinente ressaltar que, segundo Andreoli (2010), a dança masculina, quando aceita culturalmente, é muitas vezes condicionada à celebração de atributos hegemônicos de masculinidade. Essa exigência reflete um desejo social de reafirmação das normas de gênero, o que coloca o homem que dança, especialmente no *ballet*, em uma posição de constante necessidade de provar sua virilidade. Andreoli (2010) destaca que "quando é permitido culturalmente o homem dançar, é muitas vezes exigido que seja sob a condição de celebrar pelo menos alguns dos atributos de masculinidade hegemônica" (ANDREOLI, 2010, p. 114).

Essa situação nos leva a refletir sobre como os padrões de movimento são socialmente classificados como naturais para o público feminino ou masculino. No caso do *ballet*, a estética corporal proporcionada é frequentemente associada à feminilidade, tornando a prática menos acessível aos homens, que precisam superar diversos obstáculos sociais para se inserirem nesse contexto. Como aponta Andreoli (2010) acerca da estética corporal proporcionado pela dança:

A estética corporal proporcionada pela dança é considerada a mais de uma espécie de essência natural da mulher: Por outro lado, ela parece ser imprópria para um projeto de aquisição e de 'prova' de masculinidade viril, o que historicamente sempre foi melhor articulado através de uma associação entre masculinidade e certos esportes, e que faz com que o homem, para dançar, tenha que superar inúmeros obstáculos sociais. (ANDREOLI, 2010, p. 112)

Essa visão contrasta com a percepção do *hip hop*, uma modalidade frequentemente vista como mais "masculinizada". O *hip hop* é caracterizado por movimentos vigorosos e uma atitude que, muitas vezes, celebra a resistência e a força física, qualidades tradicionalmente associadas à masculinidade. Isso contribui para que o *hip hop* seja mais facilmente aceito para os homens, em comparação com o *ballet*, que é frequentemente estigmatizado por sua associação com a suavidade e a graciosidade, atributos culturalmente ligados ao feminino.

Além disso, este estudo destacou como os meninos que vivem em favelas e áreas de vulnerabilidade social enfrentam desafios adicionais. A falta de recursos financeiros e a necessidade de contribuir para o sustento familiar são fatores que frequentemente os afastam das aulas de *ballet*. Souza (2007) aponta que muitos desses jovens precisam abandonar a dança para ajudar suas famílias, o que reforça as desigualdades sociais e limita o acesso à formação artística. Mesmo quando têm talento e interesse, esses meninos se veem pressionados a escolher caminhos mais “pragmáticos”, em vez de seguir sua paixão pela dança.

A análise histórica do *ballet* também mostrou como essa arte foi, por muito tempo, um símbolo de poder e status, especialmente durante o reinado de Luís XIV de Bourbon, o “Rei Sol”. A dança na corte francesa consolidou-se como uma prática reservada à elite, e essa associação permanece até os dias de hoje, tornando o *ballet* uma modalidade distante da realidade de muitos jovens de classes populares. A exclusão social e a percepção de que o *ballet* “não pertence” a esses espaços cria uma barreira invisível, mas poderosa, que limita o acesso de meninos de favelas a essa forma de arte. No entanto, o *ballet* também pode ser visto como um espaço de resistência e transformação. Os meninos que persistem no *ballet* desafiam normas sociais, rompendo com a ideia de que certas formas de expressão artística são “incompatíveis” com a masculinidade. Ao se dedicarem a uma arte que exige força física, técnica e disciplina, esses jovens estão, de certa forma, redefinindo o que significa ser homem em uma sociedade marcada por construções rígidas de gênero. Mais do que isso, eles mostram que a dança pode ser um caminho de superação, tanto pessoal quanto social, especialmente para aqueles que enfrentam preconceitos e exclusões múltiplas.

Assim, a pesquisa evidencia a necessidade de questionar as normas de gênero e os preconceitos que ainda permeiam o mundo da dança. Os dados obtidos reforçam a importância de iniciativas que promovam a igualdade de gênero nas artes, permitindo que todos, independentemente de sua identidade de gênero, possam expressar-se livremente através da dança. Conclui-se, portanto, que a desconstrução desses estereótipos é essencial para a plena integração dos homens na dança, permitindo que eles desenvolvam sua arte sem a necessidade de se conformar às expectativas sociais tradicionais.

Referências

- ANDERSON, Jack. Dança. Tradução Maria da Costa. São Paulo: Verbo-Lisboa, 1978.
- ANDREOLI, Giuliano Souza. Dança, Gênero e Sexualidade: Um Olhar Cultural. Conjectura, Rio Grande do Sul, v. 15, n. 1, p.107-118, jan. 2010.
- AU, Susan. Ballet and modern dance. London: Thames e Hudson, 2002.
- BLISS, Shepherd. The wild men: The fathers, the sons, and the dangerous freedom of masculinity. In: BLY, Robert; MOORE, Thomas; MEADE, James Hillman. *The Rag and Bone Shop of the Heart: A Men's Anthology*. New York: HarperCollins, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- CONNELL, Robert W. Políticas de masculinidade. Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, UFRGS/Faculdade de Educação, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.
- DE ASSIS, Marília Del Ponte; SARAIVA, Maria do Carmo. O feminino e o masculino na dança: das origens do balé à contemporaneidade. Movimento, vol. 19, núm. 2, abril-junho, 2013, pp. 303-323
- GITELMAN, Claudia. Dança moderna americana: um esboço. Pro-Posições, Campinas, v. 9, n. 2, p. 55-61, jun. 1998.
- HANNA, Judith L. Dança, sexo e gênero: signos de identidade, dominação e desejo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LOURO, Guacira Lopes. Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.
- ROGERS, Paulo. Os afectos mal-ditos: o indizível das sexualidades camponesas. 2006. Dissertação (Mestrado) – UnB, Brasília, 2006.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Revista Educação e Realidade, Porto Alegre: UFRGS, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.
- SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. Corpo, comunicação e cultura: a dança contemporânea em cena. Campinas: Autores Associados, 2006.

SOUZA, Andréa B. Cenas do masculino na dança: representações de gênero e sexualidade: ensinando modos de ser bailarino. 2007. Dissertação (Mestrado) – Ulbra, Canoas, 2007.

STINSON, Susan W. Reflexões sobre a dança e os meninos [tradução de I. Marques]. Pro-Posições, Campinas, v. 9, n. 2 (26), p. 55-61, jun. 1998.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n. 2, p.1-23, fev. 2001.

APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO APLICADO

Aluno: Juan de Oliveira Menezes da Silva

Orientadora: Flávia Lages



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Questionário

1) Identificação

- Nome:
- Idade:
- Sexo / Orientação Sexual:
- Escolaridade:
- Naturalidade:
- Endereço (bairro/cidade):
- Onde faz aula de dança?

2) Relação com a dança e expectativas em relação a modalidade

- 1- Porque começou a dançar e a quanto tempo pratica essa atividade?
- 2- Quais as suas expectativas em relação a dança? Pratica somente por hobby ou tem planos de seguir um caminho profissional?
- 3- Porque permanece a praticar a dança e o quais são as motivações que não te deixam desistir?
- 4- Em relação a parte financeira. Você paga ou já pagou integralmente pelas aulas, recebeu bolsa ou fez parte de algum projeto social?
- 5- Você já teve que parar de fazer aula em algum momento por questões financeiras? Ou algum outro motivo?
- 6- Porque escolheu pelo *ballet* clássico e não outra modalidade? Gostaria de fazer aulas de outra modalidade ou já teve oportunidade de fazer? Se sim, qual modalidade e porquê?

3) Relacionamento na esfera familiar

- 7- Como é a sua relação com a sua família? Sua família incentiva você continuar na dança?
- 8- Sua família ajuda ou já ajudou com investimento na sua formação?
- 9- Você já sofreu algum tipo de discriminação pelo fato de praticar dança? Se sim, foi por algum familiar ou pessoas de fora do seu ciclo familiar?

- 10-Você acha que há mais preconceito com meninos moradores de favela fazendo aulas de *ballet* do que meninos que moram em outras áreas da cidade?

4) Contribuição livre sobre a perspectiva da dança na esfera social

- 11-Você acredita que ainda haja preconceito em relação a homens que dançam?
Se sim, como você consegue superar esse obstáculo e continuar dançando?
- 12-Você acha que o preconceito seria menor se fosse praticada outra modalidade de dança, como o *hip hop*?
- 13-Ao longo das suas experiências na dança, você sentiu alguma dificuldade em relação ao bailarino quase sempre ser estereotipado como homossexual? Quais?
- 14-A partir do seu ponto de vista e experiências, você acredita que bailarinos de outras modalidades de dança também são estereotipados como homossexuais assim como no *ballet* clássico?
- 15-Nas turmas de dança que você já frequentou, havia um número grande de homens frequentando a aula junto com você? Quantos em média, em relação as mulheres?
- 16-Te incomoda algumas regras que existem na dança, principalmente no *ballet*, que são destinadas somente para um determinado público (masculino ou feminino)? Quais?

APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO 1

Aluno: Juan de Oliveira Menezes da Silva

Orientadora: Flávia Lages



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Questionário:

1) Identificação

- Nome: João
- Idade: 25 anos
- Sexo / Orientação Sexual: Masculino / Pansexual
- Escolaridade: Médio Completo
- Naturalidade: Rio de Janeiro
- Endereço (bairro/cidade): Encantado / RJ
- Onde faz aula de dança? Ballet Manguinhos

2) Relação com a dança e expectativas em relação a modalidade

1- Porque começou a dançar e a quanto tempo pratica essa atividade?

Comecei a dançar com o objetivo de emagrecer a princípio, depois percebi que era algo que gostava muito então continuei por afeição a prática. Comecei dançando jazz aos 11 anos e danço outras modalidades até hoje. Então são 14 anos envolvido com a dança com alguns intervalos.

2- Quais as suas expectativas em relação a dança? Pratica somente por hobby ou tem planos de seguir um caminho profissional?

Por ser algo que faço há algum tempo, tenho o anseio por uma carreira profissional.

3- Porque permanece a praticar a dança e o quais são as motivações que não te deixam desistir?

Além de gostar bastante, acredito que a dança seja uma salvação social, emocional e física. Continuo praticando por querer ter algo concreto com a dança.

- 4- Em relação a parte financeira. Você paga ou já pagou integralmente pelas aulas, recebeu bolsa ou fez parte de algum projeto social?

Sempre recebi bolsa. Quando menor de idade meus pais, além de não poderem pagar, não concordavam tanto. Hoje ainda recebo bolsa.

- 5- Você já teve que parar de fazer aula em algum momento por questões financeiras? Ou algum outro motivo?

Sim

- 6- Porque escolheu pelo *ballet* clássico e não outra modalidade? Gostaria de fazer aulas de outra modalidade ou já teve oportunidade de fazer? Se sim, qual modalidade e porquê?

O *ballet* clássico pela destreza que traz as outras áreas da vida. Já fiz aula de outras modalidades, como jazz, contemporâneo, urbanas, e gostaria muito de poder juntar o que já tenho com música.

3) Relacionamento na esfera familiar

- 7- Como é a sua relação com a sua família? Sua família incentiva você continuar na dança?

Uma relação muito boa, hoje, por entenderem que é o que quero pra vida, me incentivam muito e ajudam como podem.

- 8- Sua família ajuda ou já ajudou com investimento na sua formação?

Sempre que podem.

- 9- Você já sofreu algum tipo de discriminação pelo fato de praticar dança? Se sim, foi por algum familiar ou pessoas de fora do seu ciclo familiar?

Sim, carreira artística, aos olhos de alguns familiares é uma prática incerta, não dá dinheiro, por isso já sofri um desencorajamento.

- 10- Você acha que há mais preconceito com meninos moradores de favela fazendo aulas de *ballet* do que meninos que moram em outras áreas da cidade?

Sim, com toda certeza. O fato de a instrução chegar com mais dificuldade nas comunidades por conta da educação precária, quem mora lá não consegue enxergar que o *ballet* é uma forma de cultura. É muito mais fácil enxergar como parte de uma

cultura elitista, porque geralmente não contempla pessoas pretas e faveladas. O movimento hoje é diferente, mas a inclusão ainda é lenta.

4) Contribuição livre sobre a perspectiva da dança na esfera social

11-Você acredita que ainda haja preconceito em relação a homens que dançam?
Se sim, como você consegue superar esse obstáculo e continuar dançando?

Sim, apesar de ser pansexual e aos olhos da sociedade uma gay afeminada, existem muitos que são heterossexuais, porém são taxados como gays por dançarem sem contar na desvalorização da profissão. Mas eu ignoro essas pessoas e sigo meu caminho.

12-Você acha que o preconceito seria menor se fosse praticada outra modalidade de dança, como o *hip hop*?

Sim, por diversas questões também. O *hip Hop* é uma cultura que veio das comunidades marginalizadas.

13-Ao longo das suas experiências na dança, você sentiu alguma dificuldade em relação ao bailarino quase sempre ser estereotipado como homossexual? Quais?

A única dificuldade que senti/sinto é a de não poder fazer de forma livre sem medo de estar parecendo o que quero ser. Isso atrapalha na autoconfiança.

14-A partir do seu ponto de vista e experiências, você acredita que bailarinos de outras modalidades de dança também são estereotipados como homossexuais assim como no *ballet* clássico?

Acredito sim. Na sociedade, o homem cis é moldado pra ser bruto e violento, geralmente as pessoas ligam a dança a leveza, feminilidade, fraqueza. Claro que são pessoas que não detêm tanto conhecimento.

15-Nas turmas de dança que você já frequentou, havia um número grande de homens frequentando a aula junto com você? Quantos em média, em relação as mulheres?

Não muitos, além de mim, as vezes tinham mais dois ou mais três, totalizando, no máximo, cinco meninos para vinte meninas.

16-Te incomoda algumas regras que existem na dança, principalmente no *ballet*, que são destinadas somente para um determinado público (masculino ou feminino)? Quais?

Sim, primeiramente a de não demonstrar a feminilidade. Acredito que existam corpos, que rotulamos como masculinos, que queiram experimentar o *ballet*, mas se sentem inibidos por sofrerem algum tipo de preconceito.

APÊNDICE 3 – QUESTIONÁRIO 2

Aluno: Juan de Oliveira Menezes da Silva

Orientadora: Flávia Lages



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Questionário

1) Identificação

- Nome: Pedro
- Idade: 13 anos
- Sexo / Orientação Sexual: Masculino / Heterossexual
- Escolaridade: Fundamental - Incompleto
- Naturalidade: Rio de Janeiro
- Endereço (bairro/cidade): Engenho Novo / Rio de Janeiro
- Onde faz aula de dança? Espaço das Artes

2) Relação com a dança e expectativas em relação a modalidade

1- Porque começou a dançar e a quanto tempo pratica essa atividade?

Pois eu me sinto bem dançando. A três anos

2- Quais as suas expectativas em relação a dança? Pratica somente por hobby ou tem planos de seguir um caminho profissional?

Me torna profissional, seguir um caminho profissional

3- Porque permanece a praticar a dança e o quais são as motivações que não te deixam desistir?

Porque eu gosto, me torna profissional

4- Em relação a parte financeira. Você paga ou já pagou integralmente pelas aulas, recebeu bolsa ou fez parte de algum projeto social?

Recebo bolsa

- 5- Você já teve que parar de fazer aula em algum momento por questões financeiras? Ou algum outro motivo?

Não

- 6- Porque escolheu pelo *ballet* clássico e não outra modalidade? Gostaria de fazer aulas de outra modalidade ou já teve oportunidade de fazer? Se sim, qual modalidade e porquê?

Eu também faço danças urbanas, jazz, contemporâneo, sapateado

3) Relacionamento na esfera familiar

- 7- Como é a sua relação com a sua família? Sua família incentiva você continuar na dança?

Mais ou menos

- 8- Sua família ajuda ou já ajudou com investimento na sua formação?

Sim

- 9- Você já sofreu algum tipo de discriminação pelo fato de praticar dança? Se sim, foi por algum familiar ou pessoas de fora do seu ciclo familiar?

Sim, familiares e pessoas de fora

- 10- Você acha que há mais preconceito com meninos moradores de favela fazendo aulas de *ballet* do que meninos que moram em outras áreas da cidade?

Sim

4) Contribuição livre sobre a perspectiva da dança na esfera social

- 11- Você acredita que ainda haja preconceito em relação a homens que dançam? Se sim, como você consegue superar esse obstáculo e continuar dançando?

Sim, ignorar essas pessoas e seguir me caminho

- 12- Você acha que o preconceito seria menor se fosse praticada outra modalidade de dança, como o *hip hop*?

Sim

13-Ao longo das suas experiências na dança, você sentiu alguma dificuldade em relação ao bailarino quase sempre ser estereotipado como homossexual? Quais?

Sim, compara que dança é de pessoa homossexual e mulher

14-A partir do seu ponto de vista e experiências, você acredita que bailarinos de outras modalidades de dança também são estereotipados como homossexuais assim como no *ballet* clássico?

Sim

15-Nas turmas de dança que você já frequentou, havia um número grande de homens frequentando a aula junto com você? Quantos em média, em relação as mulheres?

Não, baixa

16-Te incomoda algumas regras que existem na dança, principalmente no *ballet*, que são destinadas somente para um determinado público (masculino ou feminino)? Quais?

Não

APÊNDICE 3 – QUESTIONÁRIO 3

Aluno: Juan de Oliveira Menezes da Silva

Orientadora: Flávia Lages



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Questionário

1) Identificação

- Nome: Guilherme
- Idade: 17 anos
- Sexo / Orientação Sexual: Masculino / Homossexual
- Escolaridade: Médio - Incompleto
- Naturalidade: Muriaé / MG
- Endereço (bairro/cidade): Jacaré
- Onde faz aula de dança? Ballet Manguinhos

2) Relação com a dança e expectativas em relação a modalidade

1- Porque começou a dançar e a quanto tempo pratica essa atividade?

Há pouco mais de 2 anos. Encontrei uma maneira de expressar meus sentimentos na dança

2- Quais as suas expectativas em relação a dança? Pratica somente por hobby ou tem planos de seguir um caminho profissional?

Acredito que a Dança possa me levar a caminhos que minha realidade financeira não permite. Tenho planos profissionais na área

3- Porque permanece a praticar a dança e o quais são as motivações que não te deixam desistir?

Amo dançar e acredito que a dança pode me proporcionar uma realização não só pessoal, como financeira

4- Em relação a parte financeira. Você paga ou já pagou integralmente pelas aulas, recebeu bolsa ou fez parte de algum projeto social?

Faço parte de um projeto social

- 5- Você já teve que parar de fazer aula em algum momento por questões financeiras? Ou algum outro motivo?

Desde que comecei, nunca parei

- 6- Porque escolheu pelo *ballet* clássico e não outra modalidade? Gostaria de fazer aulas de outra modalidade ou já teve oportunidade de fazer? Se sim, qual modalidade e porquê?

Não pratico outras modalidades, pois acredito que tiraria meu foco, prefiro me concentrar apenas no *ballet*, que é minha paixão

3) Relacionamento na esfera familiar

- 7- Como é a sua relação com a sua família? Sua família incentiva você continuar na dança?

Meu pai está preso e minha mãe não teve condições de me criar. Fui criado pela minha avó que me incentiva e me dá total apoio

- 8- Sua família ajuda ou já ajudou com investimento na sua formação?

Minha avó não tem muitas condições financeiras para investir em mim

- 9- Você já sofreu algum tipo de discriminação pelo fato de praticar dança? Se sim, foi por algum familiar ou pessoas de fora do seu ciclo familiar?

Sim, mas não pela família e sim amigos da comunidade

- 10- Você acha que há mais preconceito com meninos moradores de favela fazendo aulas de *ballet* do que meninos que moram em outras áreas da cidade?

Acredito que sim, os meninos da favela querem jogar videogame e futebol, enquanto eu estou dançando, então quando saio de casa para o projeto sou sempre zoadado pela galera

4) Contribuição livre sobre a perspectiva da dança na esfera social

- 11- Você acredita que ainda haja preconceito em relação a homens que dançam? Se sim, como você consegue superar esse obstáculo e continuar dançando?

Sim, no entanto isso não me abala. Sei quem eu sou e, apesar de ciente das dificuldades, nada vai me impedir de conquistar meus objetivos

12-Você acha que o preconceito seria menor se fosse praticada outra modalidade de dança, como o *hip hop*?

Sim. Afinal *hip hop*, rap e outros gêneros são vistos como masculinos, enquanto o *Ballet* é taxado de feminino

13-Ao longo das suas experiências na dança, você sentiu alguma dificuldade em relação ao bailarino quase sempre ser estereotipado como homossexual? Quais?

Sim. A sociedade nos vê assim e até nos coloca de lado em outras atividades ditas como masculinas. Principalmente nas interações sociais

14-A partir do seu ponto de vista e experiências, você acredita que bailarinos de outras modalidades de dança também são estereotipados como homossexuais assim como no *ballet* clássico?

Não

15-Nas turmas de dança que você já frequentou, havia um número grande de homens frequentando a aula junto com você? Quantos em média, em relação as mulheres?

Não. Normalmente o número de mulheres é superior ao de homens. Em média 10 ou 15 meninas pra 1 menino

16-Te incomoda algumas regras que existem na dança, principalmente no *ballet*, que são destinadas somente para um determinado público (masculino ou feminino)? Quais?

Sim. Nunca entendi a limitação de sapatilha de ponta apenas para mulheres ou ainda pq apenas elas podem ser levantadas.

APÊNDICE 5 – QUESTIONÁRIO 4

Aluno: Juan de Oliveira Menezes da Silva

Orientadora: Flávia Lages



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Questionário

1) Identificação

- Nome: Lucas
- Idade: 19 anos
- Sexo / Orientação Sexual: Masculino / Heterossexual
- Escolaridade: Superior - Incompleto
- Naturalidade: Rio de Janeiro
- Endereço (bairro/cidade): Bonsucesso / RJ
- Onde faz aula de dança? Projeto Vidançar

2) Relação com a dança e expectativas em relação a modalidade

1- Porque começou a dançar e a quanto tempo pratica essa atividade?

A dança me permite expressar meus sentimentos de forma em que eu me sinta livre e feliz. Prático dança a 4 anos.

2- Quais as suas expectativas em relação a dança? Pratica somente por hobby ou tem planos de seguir um caminho profissional?

Pretendo dar aulas no mundo da dança, por isso estou me graduando na área.

3- Porque permanece a praticar a dança e o quais são as motivações que não te deixam desistir?

A pratica me permite conhecer melhor esse mundo e entender as didáticas. A dança é meu refúgio pessoal.

4- Em relação a parte financeira. Você paga ou já pagou integralmente pelas aulas, recebeu bolsa ou fez parte de algum projeto social?

Atualmente não tenho gastos exorbitantes, pois faço parte de um projeto social, preciso apenas custear figurinos, sapatilhas e alguns outros itens.

- 5- Você já teve que parar de fazer aula em algum momento por questões financeiras? Ou algum outro motivo?

Não.

- 6- Porque escolheu pelo *ballet* clássico e não outra modalidade? Gostaria de fazer aulas de outra modalidade ou já teve oportunidade de fazer? Se sim, qual modalidade e porquê?

Pratico dança contemporânea também, mas o *ballet* me cativa, todas as responsabilidades que vem junto a essa modalidade me fazem mais completo. Amo a forma que me sinto leve ao pratica-lo. O contemporâneo é mais para descontrair as vezes.

3) Relacionamento na esfera familiar

- 7- Como é a sua relação com a sua família? Sua família incentiva você continuar na dança?

Meus familiares me incentivam muito, o que me fortalece cada vez mais.

- 8- Sua família ajuda ou já ajudou com investimento na sua formação?

Eles investem continuamente em meus materiais, me ajudando a custear os itens necessários.

- 9- Você já sofreu algum tipo de discriminação pelo fato de praticar dança? Se sim, foi por algum familiar ou pessoas de fora do seu ciclo familiar?

Já sofri sim, porém foi por parte dos amigos, pois enquanto a maioria está mais ligado ao futebol e outros esportes similares, eu faço aulas de *ballet*, que muitas das vezes é associado apenas ao gênero feminino.

- 10-Você acha que há mais preconceito com meninos moradores de favela fazendo aulas de *ballet* do que meninos que moram em outras áreas da cidade?

Com certeza sim.

4) Contribuição livre sobre a perspectiva da dança na esfera social

- 11-Você acredita que ainda haja preconceito em relação a homens que dançam? Se sim, como você consegue superar esse obstáculo e continuar dançando?

Há sim muita discriminação em relação a homens que dançam, mas isso não me abala. Fazer o que amo me deixa mais feliz, e as pessoas que amo me apoiam, apenas isso importa.

12-Você acha que o preconceito seria menor se fosse praticada outra modalidade de dança, como o *hip hop*?

Com certeza, pois essa modalidade já está popularmente mais ligada ao gênero masculino.

13-Ao longo das suas experiências na dança, você sentiu alguma dificuldade em relação ao bailarino quase sempre ser estereotipado como homossexual? Quais?

Sim, pois algumas mulheres que conheço tem dificuldade de se relacionar comigo por acharem que sou homossexual.

14-A partir do seu ponto de vista e experiências, você acredita que bailarinos de outras modalidades de dança também são estereotipados como homossexuais assim como no *ballet* clássico?

Acho que sim, porém de maneira mais branda.

15-Nas turmas de dança que você já frequentou, havia um número grande de homens frequentando a aula junto com você? Quantos em média, em relação as mulheres?

Não, dificilmente passa de 5 homens em uma mesma aula, o que no início me deixava bem desconfortável.

16-Te incomoda algumas regras que existem na dança, principalmente no *ballet*, que são destinadas somente para um determinado público (masculino ou feminino)? Quais?

Não há nenhuma regra que me incomode.

APÊNDICE 6 – QUESTIONÁRIO 5

Aluno: Juan de Oliveira Menezes da Silva

Orientadora: Flávia Lages



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Questionário

1) Identificação

- Nome: Miguel
- Idade: 18 anos
- Sexo / Orientação Sexual: Masculino / Heterossexual
- Escolaridade: Médio - Completo
- Naturalidade: Rio de Janeiro
- Endereço (bairro/cidade): Higienópolis / Rio de Janeiro
- Onde faz aula de dança? Ballet Manguinhos

2) Relação com a dança e expectativas em relação a modalidade

- 1- Porque começou a dançar e a quanto tempo pratica essa atividade?

Por que desde pequeno sempre gostei da arte da dança, sempre gostei de como me sentia quando estava dançando. Prático há 5 anos

- 2- Quais as suas expectativas em relação a dança? Pratica somente por hobby ou tem planos de seguir um caminho profissional?

Tenho planos de crescer profissionalmente

- 3- Porque permanece a praticar a dança e o quais são as motivações que não te deixam desistir?

Por que me faz sentir que estou leve

- 4- Em relação a parte financeira. Você paga ou já pagou integralmente pelas aulas, recebeu bolsa ou fez parte de algum projeto social?

Faço parte da associação Ballet Manguinhos que fornece aulas gratuitas

- 5- Você já teve que parar de fazer aula em algum momento por questões financeiras? Ou algum outro motivo?

Não

- 6- Porque escolheu pelo *ballet* clássico e não outra modalidade? Gostaria de fazer aulas de outra modalidade ou já teve oportunidade de fazer? Se sim, qual modalidade e porquê?

Prático o *ballet* clássico pois gosto de me desafiar e tenho paixão pela modalidade e também pratico dança contemporânea

3) Relacionamento na esfera familiar

- 7- Como é a sua relação com a sua família? Sua família incentiva você continuar na dança?

Meu pai não aceita muito bem, minha mãe só quer minha felicidade e meus parentes não aceitam pelo preconceito de eu ser homem e praticar dança de "mulher"

- 8- Sua família ajuda ou já ajudou com investimento na sua formação?

Meus pais sempre foram dedicados na minha educação, mas nunca tiveram muitos recursos

- 9- Você já sofreu algum tipo de discriminação pelo fato de praticar dança? Se sim, foi por algum familiar ou pessoas de fora do seu ciclo familiar?

Sim. Foi pelos meus parentes que me chamaram de gay entre outras coisas

- 10-Você acha que há mais preconceito com meninos moradores de favela fazendo aulas de *ballet* do que meninos que moram em outras áreas da cidade?

Sim. Pois nunca nos olham como pessoas competentes e talentosas como os meninos que são de outras áreas

4) Contribuição livre sobre a perspectiva da dança na esfera social

- 11-Você acredita que ainda haja preconceito em relação a homens que dançam? Se sim, como você consegue superar esse obstáculo e continuar dançando?

Sim com certeza. Sigo firme com foco sem ligar para opiniões alheias

- 12-Você acha que o preconceito seria menor se fosse praticada outra modalidade de dança, como o *hip hop*?

Sim.

13-Ao longo das suas experiências na dança, você sentiu alguma dificuldade em relação ao bailarino quase sempre ser estereotipado como homossexual? Quais?

Sim. Pois muitas meninas com quem me relaciono quando falo que sou bailarino acham que sou gay. Atualmente namoro uma bailarina da mesma associação que frequento, ela me entende e não tem preconceito.

14-A partir do seu ponto de vista e experiências, você acredita que bailarinos de outras modalidades de dança também são estereotipados como homossexuais assim como no *ballet* clássico?

Não

15-Nas turmas de dança que você já frequentou, havia um número grande de homens frequentando a aula junto com você? Quantos em média, em relação as mulheres?

Somente eu na turma composta por 21 pessoas

16-Te incomoda algumas regras que existem na dança, principalmente no *ballet*, que são destinadas somente para um determinado público (masculino ou feminino)? Quais?

Na verdade não.

APÊNDICE 7 – QUESTIONÁRIO 6

Aluno: Juan de Oliveira Menezes da Silva

Orientadora: Flávia Lages



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Questionário

1) Identificação

- Nome: Jonas
- Idade: 16 anos
- Sexo / Orientação Sexual: Masculino / Homossexual
- Escolaridade: Fundamental - Completo
- Naturalidade: Rio de Janeiro
- Endereço (bairro/cidade): Jacarezinho / RJ
- Onde faz aula de dança? Ballet Manguinhos

2) Relação com a dança e expectativas em relação a modalidade

1- Porque começou a dançar e a quanto tempo pratica essa atividade?

Sempre dancei em festas, igreja etc. No *ballet* faz 4 anos

2- Quais as suas expectativas em relação a dança? Pratica somente por hobby ou tem planos de seguir um caminho profissional?

Tenho planos para o futuro, quero ser um grande bailarino

3- Porque permanece a praticar a dança e o quais são as motivações que não te deixam desistir?

Sigo praticando porque é uma coisa que amo, as pessoas na minha vida não me deixam desistir pois sabem que tenho talento pra isso.

4- Em relação a parte financeira. Você paga ou já pagou integralmente pelas aulas, recebeu bolsa ou fez parte de algum projeto social?

Faço parte de um projeto social, nunca paguei pra fazer aula

- 5- Você já teve que parar de fazer aula em algum momento por questões financeiras? Ou algum outro motivo?

Não

- 6- Porque escolheu pelo *ballet* clássico e não outra modalidade? Gostaria de fazer aulas de outra modalidade ou já teve oportunidade de fazer? Se sim, qual modalidade e porquê?

Sempre vi repertórios de *ballet* clássicos por isso amo tanto, Já fiz jazz porque acho lindo

3) Relacionamento na esfera familiar

- 7- Como é a sua relação com a sua família? Sua família incentiva você continuar na dança?

Sim, sempre

- 8- Sua família ajuda ou já ajudou com investimento na sua formação?

Sim

- 9- Você já sofreu algum tipo de discriminação pelo fato de praticar dança? Se sim, foi por algum familiar ou pessoas de fora do seu ciclo familiar?

Sim, pessoas fora do ciclo familiar

- 10-Você acha que há mais preconceito com meninos moradores de favela fazendo aulas de *ballet* do que meninos que moram em outras áreas da cidade?

Meninos que fazem em geral na verdade

4) Contribuição livre sobre a perspectiva da dança na esfera social

- 11-Você acredita que ainda haja preconceito em relação a homens que dançam? Se sim, como você consegue superar esse obstáculo e continuar dançando?

Sim, não ligando para o que falam

- 12-Você acha que o preconceito seria menor se fosse praticada outra modalidade de dança, como o *hip hop*?

Não.

13-Ao longo das suas experiências na dança, você sentiu alguma dificuldade em relação ao bailarino quase sempre ser estereotipado como homossexual? Quais?

Dificuldade não, mas sempre acham que só homossexuais fazem

14-A partir do seu ponto de vista e experiências, você acredita que bailarinos de outras modalidades de dança também são estereotipados como homossexuais assim como no *ballet* clássico?

Sim.

15-Nas turmas de dança que você já frequentou, havia um número grande de homens frequentando a aula junto com você? Quantos em média, em relação as mulheres?

Poucos

16-Te incomoda algumas regras que existem na dança, principalmente no *ballet*, que são destinadas somente para um determinado público (masculino ou feminino)? Quais?

Na verdade, não.